

POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA E A SITUAÇÃO DE FRONTEIRA.

Reinaldo Corrêa Costa*

INTRODUÇÃO

Tomarei como referência para análise as obras iniciadas na década de 60, quando os governos militares impuseram uma série de obras públicas na Amazônia, alterando a inércia da região após o apogeu da borracha que foi de 1850 até 1920, aproximadamente. Não tratarei de abstrações como: Amazônia, Floresta, Globalização, etc. Darei ênfase nas pessoas, nas categorias sociais e nos processos sociais, pois existem várias amazônias, como a dos índios, dos ribeirinhos, das grandes empresas, dos governos (nacional e estrangeiros), etc. A questão fundamental é o que foi feito de políticas públicas em antigas áreas de fronteira na Amazônia Oriental.

A partir da abertura da rodovia Belém-Brasília (BR 010) e, em 1970 o marco do auge da *fronteira*, da Transamazônica (BR-230), ocorreram intensos fluxos de migrantes para o Sudeste Paraense, na maioria camponeses expulsos de suas terras, principalmente nordestinos, isso ocorreu em três fases. A primeira ocorreu concomitantemente ao processo de imigração e até antecedendo-o; houve um processo de especulação fundiária, que proporcionou o aparecimento de áreas privadas com dezenas e até centenas de milhares de hectares, ou seja, a dinâmica do mercado de terras, terras de negócio. A segunda fase veio com a implantação dos projetos estatais apoiados pelo capital internacional, e. g., Projeto Carajás, Hidrelétrica de Tucuruí, Albrás-Alunorte, Trombetas, etc. A última fase é uma tentativa de *recheiar* tais projetos com propostas de colonização oficial e criação de um proletariado industrial e agrícola sobrepondo-se ao campesinato tradicional amazônico ou dos imigrantes, conforme Hébette (1997:03)

"A ideologia de Grandeza nacional em cima da miséria, e a esquisofrenia dos grandes projetos desenhados e implantados sem consulta às populações: a Transamazônica, a Colonização oficial no Pará e em Rondônia. A violação autoritária das áreas indígenas"

No começo da década de 70, em uma referência clássica da fronteira estado unidense dos séculos XIX, onde a base era aniquilar o sistema social e cultural da vida nativa em detrimento da expansão do capital. No caso amazônico do século XX não foi diferente, e obviamente não foi igual. Usou-se o termo *fronteira*, que remetia a idéia de "espaços livres" ou de "espaços vazios". Referente ao termo *Fronteira*, interpreto-o como lugar e momento de "fricção social", uma zona de contato, conforme Pratt (1997:26) que usou esta expressão ao analisar a literatura de viagens e transculturação no período da chamada Conquista, em um paralelismo com o meu trabalho, uso tal raciocínio:

"(...) 'zona de contato' es un intento de invocar la presencia conjunta, espacial, y temporal, de sujetos - anteriormente separados por divisiones geográficas y históricas - cuyas trayectorias se intersectan. (...) Una perspectiva 'de contato' pone de relieve que los sujetos se constituyen en y por sus relaciones mutuas."

Percebo que o que existe é uma *situação de fronteira*, que Martins (1997: 150) considera-a como "(...) **essencialmente o lugar da alteridade**. É isso que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só do desencontro e do conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História".

Além disso fronteira também "é uma área marginal em relação a outras mais poderosas, que está sendo aberta às influências (supostamente modernizadoras) e aos mais diversos tipos de fluxos oriundos da área dominante: fluxos de pessoas, mercadorias, capitais, informações, que, logicamente, a subordinam." (HÉBETTE: 1997:04).

Um dos discursos a respeito da Amazônia é que esta região é patrimônio da humanidade, tal falácia é propícia de países desenvolvidos, pois, a soberania da Amazônia não se discute, ela é daqueles que nela habitam dentro de um Estado Nacional, isto é, já está historicamente ocupada pelos países que têm parte da bacia amazônica em seus territórios. A questão ecológica internacional coloca-se como ponto fraco para a região, neste caso, a geopolítica entra como um discurso de proteção ao meio ambiente, e então a Amazônia passa a ter outro significado para a humanidade, principalmente neste final de século. Diante dessa geopolítica, madrastra mental da Amazônia (PINTO: 1992: 18), esta valoriza-se como fonte de recursos para o mundo e para os seus respectivos países, isto é alimentado por governos autoritários e por empresas transnacionais, que ignoraram em seus planos os estudos de impactos no meio ambiente.

"A implantação de rodovias no coração das selvas foi realizada com inteira ausência de previsão de impactos físicos, ecológicos, sociais e fundiários, fato que acarretou frentes múltiplas de devastação, a partir das margens e cruzamentos dos eixos viários em construção. Não houve, em contrapartida, qualquer elaboração de um sistema de gerenciamento criativo e preventivo para o atendimento das pessoas ao longo dos imensos estriões de estradas. A imprevisão e a omissão foram as mesmas no que toca à proteção das águas de rios e igarapés, de onde provém o peixe para a alimentação de milhões de ribeirinhos pobres e desamparados." (AB'SÁBER: 1992:53)

A Amazônia, a partir da interpretação européia e de uma geopolítica, é ligada aos mitos, porém, existe uma realidade. A idéia do *El Dorado*, do vazio demográfico, da homogeneidade amazônica, entre outros, são discursos que visam justificar ações na região. Em relação aos mitos e realidades da Amazônia, Torre (1996: 208), comenta que:

"La Amazonia no es virgen ni es un espacio vacío donde la naturaleza está en estado primitivo e intocado, ni constituye un inmenso laboratorio donde las fuerzas de la naturaleza actúan sin la intervención humana. La región tiene una larga ocupación humana de más de 20 mil años con 22 millones de habitantes, de los cuales un millón son indígenas, con ciudades que superan el millón de habitantes (Manaus, Belém) y cuya población crece a altas tasas, que superan el 3% anual de varias zonas. La región ha sido ampliamente explorada en busca de recursos minerales (petróleo, gas y metales); es objeto ahora de una fuerte superposición de intereses conservacionistas y desarrollistas (buscadores de oro, explotaciones mineras y petroleras, extractivistas, migrantes, etc.); posee 42 mil kilómetros de carreteras, redes fluviales y terminales aéreas".

No que se refere à Amazônia e as políticas públicas Ab'Sáber (1996:131) comenta:

"Por dezenas de anos, a partir da década de 60, a Amazônia foi apresentada ao mundo ocidental como uma região uniforme e monótona, pouco compartimentada e desprovida de diversidade fisiográfica e ecológica. Enfim, um espaço sem gente e sem história, passível de qualquer manipulação por meio de planejamentos feitos a distância, ou sujeito a propostas de obras faraônicas, vinculadas a um muito falso conceito de desenvolvimento."

Em seu contexto no território brasileiro, a Amazônia tem muita importância, principalmente por motivos de estratégias geopolíticas ligadas às pressões ecológicas e recentemente no quadro dos movimentos sociais, que tendo-os conforme Touraine (1995: 239): *"la acción conflictiva de agentes de las clases sociales que luchan por el control del sistema de acción histórica"*.

Faz-se necessário ressaltar, que no desenvolver do processo histórico o que há é uma específica relação de um poder central com a região sobre os amazônidas, "parece que a questão da região e nação na Amazônia é a história da região com o Estado brasileiro e as superposições desse Estado às manifestações locais, e a consolidação local das representações desse Estado Central". (SOUZA: 1994: 119).

DESENVOLVIMENTISMO IDEOLÓGICO

A "redescoberta" da Amazônia vem quando esta aparece como *zona amortecedora* de convulsões sociais no Nordeste Brasileiro e de outras regiões do País, o que não impediu que, quando chegassem, tivessem que lutar para ter acesso à terra. O conflito foi apenas deslocado para um "cenário escondido". Talvez por isso até hoje suas fronteiras não estejam bem demarcadas. O termo "Amazônia Legal" serve mais para a captação de investimentos e menos para o desenvolvimento dos amazônidas (natos ou não). Neste caso, o que ocorreu foi um planejamento autoritário e alheio aos interesses das pessoas que moram na região, o que não esconde as ligações de setores da política partidária da própria região, como senadores e deputados, etc., no apoio aos tais planos para a Amazônia. Estes desdobramentos históricos fazem da região uma área de ocupação, onde o Estado Nacional traça os planos com bases em alianças políticas, internacionais ou não, que ignoram as realidades e necessidades amazônicas, e isto é aperfeiçoado pelo aparelho burocrático do País, inclusive atualmente, às portas do século XXI. Face a isto Pinto (1994: 113) conclui que:

"Nós estamos numa região de ocupação muito mais do que numa região de fronteira. Essa característica histórica da Amazônia é terrível para a própria região. Porque ela condena os seus habitantes a não ter uma visão de seu próprio processo histórico. Eles sempre estão diante desse processo como o nativo diante do bwana, na África. Nós sempre estamos esperando que ele nos diga o que nós somos, o que nós devemos fazer. Isso tem minado a capacidade de condução do processo histórico na Amazônia".

A citação anterior é fonte para entendermos que o grande capital na Amazônia, vindo dos chamados "grandes projetos", contrasta e gera desigualdades sociais e pobreza, como por exemplo a migração induzida e a colonização promovida pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) que objetivou povoar para ocupar a "terra sem homens", como diziam os representantes do governo autoritário. Isso também visava garantir a mão-de-obra barata e abundante para os chamados "grandes projetos", fossem eles privados ou estatais. A lógica do capitalismo na região funciona como se ainda estivessemos no século XVII. Há a oportunidade de mudar esta realidade, com o uso do maior banco genético do mundo e da maior biodiversidade do planeta, que estão na Amazônia. Isto é necessário devido existir uma enorme desigualdade de forças entre os grupos que estão na região; de um lado os amazônidas (índios, posseiros, ribeirinhos, seringueiros, castanheiros, camponeses e uma pequena burguesia) e de outro lado, apoiados por políticos da região, coisas do tipo CVRD, ELETROBRÁS, ALCOA, ALCAN, AGRALE, NIPPON STEEL, PARANAPANEMA entre outros gigantes; a região não é a mesma dos projetos de Henri Ford (1927) e de Daniel Ludwig (1967). Agora, mais do que antes, o capitalismo expande-se principalmente na apropriação dos recursos naturais e de formas de produção não-capitalistas.

"Entender o desenvolvimento desigual do modo capitalista de produção na formação social capitalista, significa entender que ele supõe sua reprodução ampliada, ou seja, que ela só será possível se articulada com relações sociais não-capitalistas. E o campo tem sido um dos lugares privilegiados da reprodução dessas relações de produção não-capitalistas." (OLIVEIRA: 1997: 19)

Talvez esteja na citação acima uma explicação pela opção de estradas e a aceitação tardia pelas hidrovias. O projeto da hidrovia Tocantins-Araguaia, nos planos do governo federal (Brasil em Ação), "é parte essencial da constiuição de um corredor de transporte multimodal (hidro-rodó-ferroviário), ligando o Brasil Central aos portos do Norte (inicialmente São Luís-MA e , depois o de Belém-PA). Dados atuais de produção regional permitem estimar um fluxo de carga potencial de 8 milhões de toneladas/ano corredor. (...) A hidrovia tem cerca de 2.000 km entre Aruanã (GO) e Belém (PA), e mais 500 km no rio das Mortes. A esta hidrovia podem ser associados mais 420 km do alto rio Tocantins, entre Palmas e Estreito (TO), por meio de transporte multimodal." (BRASIL EM AÇÃO: 1996: 28).

Na Amazônia chegam máquinas caras e de última geração em termos de tecnologia; a região é cartografada com a ajuda de satélites; a floresta é derrubada e "ao mesmo tempo se reproduzem os conflitos de terra dos quais o Brasil sofre a mais de um século." (MONBEIG: 1985: 92). Os índios, por exemplo, foram e são os que mais sofrem com as ações do governo federal, pois, sua existência é diretamente realcionada ao seu território, quando perdem sua territorialidade, toda a manifestação cultural, social e econômica dos índios fica comprometida.

A Amazônia, neste fim de século, encontra-se diante de uma realidade que lhe é adversa, e muito, pois, ela é fomentada, entre outros, pelo Governo Federal. Na Amazônia, percebe-se que ocorreu uma ruptura entre o que existia e a proposta efetivada pelo Governo.

"Em termos de estrutura espaço-temporal, poderíamos afirmar que ocorreu, sem dúvida, uma 'quebra de simetria entre o antes e o depois', o que permitia caracterizar o processo como sendo de tipo irresistível. Aceitar essa afirmação implica não aceitar que a origem da irreversibilidade se encontre na complexidade ou na falta de controle sobre todas as variáveis do sistema. A irreversibilidade seria propriedade intrínseca do sistema gerado". (MACHADO: 1996: 841).

O que foi criado pelo governo central foi responsável por uma nova organização do espaço, e pela desorganização/destruição do espaço anterior, que tem como característica a inconstância, que foi ampliada e reforçada com a ação do governo, e isso permitiu a entrada de novos atores sociais com poder de barganha e o respaldo da União, então, as modificações na paisagem foram inerentes, criando maiores desigualdades sociais e com um aumento populacional oriundo da imigração planejada. Essa imigração traz consigo o que no momento serão e já são os neo-amazônidas, portadores de projetos e ações que estão marcando as suas territorialidades no espaço amazônico com suas diversas formas de campesinato. Temos, agora, um novo tipo de organização, Almeida (1994: 522) faz a seguinte análise:

"Nestes antagonismos, em que à primeira vista não há o predomínio político de classe, as categorias de mobilização refletem, na medida adequada, o tipo de intervenção dos aparelhos do Estado. Os agrupamentos traduzem efeitos de ação, senão vejamos: 'atingidos por barragens', 'remanejados', 'reassentados' e 'assentados'. Prevaecem também noções genéricas, que encobrem possíveis especificidades, tais como: 'povos da floresta' e 'ribeirinhos'. O que parece importar é que categorias de circunstância (atingidos) surgem combinadas com outras de sentido permanente (povos da floresta) no contexto de conflitos abertos".

O movimento ecológico converge para os interesses da luta pela terra e pela (re)criação de vários tipos de campesinato na fronteira e suas reprodução social, a questão é: fixa-se à terra ou vai desmatar mais áreas até encontrar as cercas de alguma fazenda ou ainda, aumentar as favelas dos centros urbanos.

Isto mostra que não é uma soma de organismos de representação que está agindo e buscando uma saída local. O que há é uma via única de interlocução, com negociações no nível global (de todos os lugares). Isto com base nos princípios gerais das políticas; então, aquele que é próprio do local foi sendo relativizado, "há assim, uma globalização de lutas localizadas, que num tempo único exigem interlocutores distintos, mas que simultaneamente tratam os aparatos de Estado em bloco e procuram ampliar as suas redes de apoio e pressão". (ALMEIDA: 1994: 527).

FRAGMENTOS PARA UMA ANÁLISE

Com a proposta de entender a produção/organização do espaço camponês no Sudeste Paraense, procuro separar diversas formas de resistência, identidade, organização, etc., da realidade em construção, que entendo, não serem somente o resultado, reflexo ou impacto das disputas entre as forças diferentes dos diversos protagonistas sociais presentes no espaço. Sendo o espaço geográfico fruto do trabalho humano e das relações que se estabelecem num determinado momento das forças produtivas, automaticamente, também é produzido concomitantemente ao processo de existência humana. Então, a sociedade ao mesmo tempo que produz sua existência, produz o espaço, diferenciado, pois, a sociedade não é um aglomerado homogêneo de pessoas, ela está diferenciada em classes sociais, que por sua vez, possuem temporalidades e especificidades distintas. (SADER:1986: 03). Na citação a seguir, procuro um reforço na minha idéia de produção do espaço camponês, pelos camponeses, em contato com as adversidades que existem no processo, que seguramente ainda está em curso, e que precisam do contato com o mercado, que é externo às localidades.

"Mesmo tratando mais de um gradiente de condições do que de classes descontínuas, pode-se em um primeiro momento, para tentar relacionar as grandes lógicas dos sistemas de produtos praticados pelos agricultores, distinguir, em função das possibilidades de comercialização de produtos, três grandes grupos de situações. As possibilidades de escoamento dos produtos comandam a gama de produtos possíveis. Levando-se em consideração as necessidades monetárias, a diversificação procurada não pode ser efetivada em situações isoladas, sem acesso ao mercado". (HÉBETTE et.al: 1995: 10).

Percebo que a situação atual é de uma crise social, a sociedade sente os impactos do modelo social e econômico adotado pelo governo, que não faz Reforma Agrária, é autoritário e intolerante. Essa fase é apenas uma das faces da hodierna ideologia dominante chamada de globalização, que nada mais é do que o capital mundializando-se e dominando de diferentes maneiras cada rincão deste Planeta. Parece que essa é uma história que já foi contada, mas é um processo com forte expressão geográfica, pois trata-se da produção de espaços e da luta por territórios; este trabalho é antes de tudo um estudo de fragmentos do espaço total.

BIBLIOGRAFIA:

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Amazônia as lições do caos. In Revista Nossa América Nº 5, Jan-Fev. São Paulo. 1995.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Amazônia: do discurso à práxis. São Paulo. EDUSP. 1996.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Universalização e Localismos: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia. In: Silveira, ISOLDA M. et. al. (org.) Amazônia e a Crise da Modernização. Belém. MPEG. 1994.
- BRASIL EM AÇÃO. Brasília. 1996.
- HÉBETTE, Jean et. al. Agriculturas Familiares e Desenvolvimento em Frente Pioneira. Clamecy. Lasat/Cat/Gret/ Uag. 1995.

- _____ . Que amazônia foi construída nos últimos 25 anos? Um balanço na ocasião da Comemoração dos 25 anos do 'Documento de Santarém' - 1972. Palestra apresentada em Santarém, em julho de 1997.
- MARTINS, José de Sousa. Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo. Hucitec. 1997.
- MACHADO, Lia Osório. Os sistemas "Longe do Equilíbrio" e Reestruturação Espacial na Amazônia. In: MAGALHÃES, Sônia B. *et. al.* (org.). Energia na Amazônia. Vol. II. Belém. MPEG/UFPA/UNAMAZ.1996.
- MOMBEIG, Pierre. O Brasil. 6ª ed. São Paulo. Difel. 1985.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Fronteira Amazônica Mato-Grossense: grilagem, corrupção e violência. Livre Docência. DG-FFLCH/USP. São Paulo.1997
- PINTO, Lúcio Flávio A Amazônia entre Estruturas Desfavoráveis. In: SILVEIRA, Isolda, M. *et. al.* (org.). Amazônia e a Crise da Modernização. Belém. MPEG. 1994.
- PRATT, Mary L. Ojos Imperiales. Buenos Aires. UNQ.1997.
- SADER, M. Regina C. T. Espaço e Luta no Bico do Papagaio. São Paulo. Tese (doutoramento). FFLCH/USP. 1986.
- SOUZA, Márcio. Representação Regional, Cabanagem e Leseira; só é elite quem age contra os interesses das região. In: SILVEIRA, Isolda, M. *et. al.* (org.). Amazônia e a Crise da Modernização. Belém. MPEG. 1994.
- TORRE, Luis C. de la. Políticas y Estrategias de Desarrollo Sustentable para la Región Amazónica. In: PAVAN, Crodowaldo (coord.). Uma Estratégia Latino-Americana para a Amazônia. Vol. 3. São Paulo. Ed.Unesp. 1996.
- TOURAINE, Alain. Producción de la Sociedad. Mexico D. F. UNAM/IFAL.1995.